

Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro

Estudo 7 – O cristão livre da lei

Romanos 7.1-25

Elaborado por Lincoln A. A. Oliveira
lincoln@pibrj.org.br

1. Introdução

Há dois extremos que devem ser evitados na vida do crente: de um lado, é achar que a melhor norma é não ter norma alegando que o que vale é a graça de Cristo. É o que alguns chamam de antinomismo, isto é, ausência de lei ou indiferença em relação a ela. Do outro, é o legalismo, ou seja, achar que tudo deve ser regulado. Legalismo busca produzir retidão e santidade através da guarda de um conjunto de regras, normas ou proibições. Em essência o legalismo busca produzir santificação através das obras. Sabemos, porém, que o legalismo é algo errado não só porque viola o princípio da graça como também não funciona pois, na prática, acaba por gerar as próprias maldades que pretende se contrapor. É este o tema que o apóstolo Paulo aborda neste capítulo 7 de sua carta aos Romanos. É o que veremos a seguir.

2. Livres da Lei mas ainda servos

Nos versos de 1 a 6 Paulo apresenta o princípio de que a Lei só tem autoridade e jurisdição sobre aqueles que estão vivos. Assim como no casamento a morte dissolve o vínculo entre o marido e a esposa, a morte do crente com Cristo rompe o jugo da Lei e libera a pessoa de suas exigências inalcançáveis. Com isso, a pessoa fica livre para unir-se a um novo mestre, Cristo, não tendo mais que depender do antigo mestre, a Lei. *“Agora porém, libertados da lei, estamos mortos para aquilo a quem estávamos sujeitos,*

de modo que servimos em novidade de espírito e não na caducidade da letra”. (Romanos 7.6)

Nesse caso de sairmos da sujeição da lei para a sujeição de Cristo, alguém poderia questionar onde teria ficado a nossa liberdade. Não podemos ser simplesmente livres e não sermos servos de ninguém? A resposta a essa questão passa por compreender o que é realmente liberdade. É possível alguém ser inteiramente livre? Ser inteiramente livre é não depender de nada ou de ninguém para se fazer o que se quer. Ser completamente livre é não depender nem do nosso corpo e nem das leis físicas. Nesse aspecto, ninguém é inteiramente livre pois sempre dependemos de algo ou de alguém para existirmos. Dependemos dos relacionamentos interpessoais, do nosso emprego, da nossa saúde, das leis da nossa sociedade, das leis da Natureza, do ar que respiramos etc. Se não podemos ser inteiramente livres e sempre vamos depender de algo ou de alguém, a nossa liberdade se resume a escolhermos de quem vamos depender. Se Jesus pode nos guiar e nos ajudar a tomar as decisões da vida, por que não decidir depender Dele e ser servo Dele tendo-o como Mestre?

3. Qual é então a utilidade da Lei ?

Se não mais devemos viver sob a Lei para que serve ela então? Será que ela é algo ruim que deve ser abandonada? No

verso 7 Paulo, parafraseando alguns de seus opositores, pergunta se a lei não seria pecado. *“De modo nenhum”, responde ele de forma enfática. E completa “... eu não teria conhecido o pecado senão por intermédio da lei; pois não teria conhecido a cobiça, se a lei não dissera: não cobiçaras”.* O que verificamos é que a lei é como um aparelho de Raios-X que permite ao médico ver alguma anomalia que o paciente tem. Não podemos dizer que a Lei é ruim assim como não podemos dizer que o Raios-X é ruim. O que não podemos fazer é achar que o Raios-X vai curar uma pessoa assim como não se pode esperar que o cumprimento da Lei possa salvar uma pessoa. Ela apenas aponta para o pecado mas não o remove.

4. O eterno conflito do crente

No verso 14 Paulo afirma que a *“...a lei é espiritual; eu todavia, sou carnal, vendido à escravidão do pecado”.* Nos versos 18 e 19 diz *“na minha carne, não habita bem nenhum: pois o querer o bem está em mim; não, porém, o efetua-lo. Porque não faço o bem que prefiro, mas o mal que não quero, esse faço”.* Trata-se de um dilema clássico da vida cristã uma vez que o crente convive com duas naturezas: a natureza pecaminosa que Paulo chama do “velho homem” ou a “carne” e o “novo homem” que tem a dominância do Espírito de Deus. É a tensão entre o querer fazer e o que efetivamente se consegue fazer. O novo homem interior busca fazer a vontade de Deus mas acha-se frustrado porque o velho homem, a carne, permeada pelo pecado, se opõe ao novo homem. O sentido da “carne” aqui usado não tem a ver necessariamente com as coisas sexuais mas com tudo aquilo referente aos aspectos negativos da natureza humana, com seu egocentrismo, egoísmo, maledicência, inveja, ciúme,

engano, ódio, maldade, falsos julgamentos, omissões, injustiças e toda sorte de sentimentos ruins que conhecemos.

Convém assinalar que o conflito que encontramos aqui não se refere à salvação mas à santificação, que como vimos, significa separação para um determinado fim ou ainda, um processo diário pelo qual a pessoa busca crescer espiritualmente buscando cada vez mais ter o caráter de Cristo.

5. Conclusões

Nesse capítulo 7 de Romanos encontramos algumas conclusões importantes sobre a Lei, dentro da perspectiva do Evangelho:

- A Lei é sagrada justa e boa. Ela revela a justiça de Deus e os pecados dos homens.
- Seguir a Lei não salva a pessoa da mesma forma que o aparelho Raios-X não cura a fratura do osso por ele detectada.
- O crente não consegue santificar-se ou crescer espiritualmente seguindo os preceitos da Lei por conta da natureza carnal do velho homem interior. A única cura para a nossa natureza carnal é colocá-la sobre os ombros de Jesus na cruz permitindo que Ele carregue sobre si as nossas iniquidades.
- O poder para viver a vida cristã não se encontra dentro de nós mesmos, mas no Espírito Santo de Deus que deve habitar o crente conforme veremos no Estudo 8.

Bibliografia: “Reasoning Through Romans”, de Robert L. Deffinbaugh, Th.M. Biblical Studies Press